

**ICEB
INSTITUTO CORE ENERGETICS DO BRASIL**

ELY SUBTIL MARÇAL FILHO

**REFLEXÕES COM UM PROJETO PSICOTERAPÊUTICO DE
CORE ENERGÉTICA PARA ADOLESCENTES EM
CONTEXTO PRISIONAL NO DISTRITO FEDERAL**

Monografia apresentada ao curso
de Pós-graduação Internacional
em Core Energetics do Instituto
Core Energetics do Brasil.
www.brasil-coreenergetics.com.br
Orientador: Lisa Loustaunau

**ATIBAIA – BRASIL
2007**

SUMÁRIO

I – INTRODUÇÃO

II – REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Adolescentes que cometem ato infracional, uma realidade. psicossocial brasileira

2.2 Um olhar do terapeuta de Core Energética à pessoa humana para além de um diagnóstico de transtorno de personalidade anti-social

2.3 A compreensão da psicodinâmica do psiquismo e os padrões de negação (estruturas de caráter)

2.4 A relevância do enquadre (setting) terapêutico de Core Energetics para promoção das intervenções apropriadas

2.5 A questão: O projeto psicoterapêutico em uma instituição prisional para adolescentes em regime de semiliberdade

Objetivo Geral

Objetivo Específico

III – METODOLOGIA

3.1 Participantes

3.2 Instrumentos

IV – RESULTADOS E ANÁLISE

4.1 Os adolescentes

V – DISCUSSÃO

VI – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

I - INTRODUÇÃO

A inquietação vivida por mim diante da elevação dos índices do envolvimento de adolescentes em atos infracionais e sob medida sócio-educativa de semiliberdade remeteu-me a reflexões sobre um projeto psicoterapêutico de Core Energética. Investigar a problemática de jovens que cometem atos infracionais levou-me a pensar diversas questões como, por exemplo, se haveria um tipo predominante de constituição psicológica, de estrutura de caráter. Além dos fatores de carência das condições sócio-econômicas, culturais e familiares seriam determinantes para a conduta desses jovens, independente de qual estrutura de caráter possa predominar com prejuízo do equilíbrio psíquico da pessoa humana.

O problema de violência vivido em tempos atuais em nossa sociedade remete-nos a inferência de que o Estado é fraco, ausente, aquém das demandas de cada cidadão brasileiro, uma vez que deve se fazer presente por meio de seus sistemas educacionais, de saúde, de trabalho e justiça (escolas, postos de saúde, ministério público, delegacias, etc.) e não o faz. Assim, podemos compreender e admitir certo determinismo social, uma vez que na carência de uma rede de apoio psicossocial adequada para o desenvolvimento e formação do indivíduo deverá ocorrer um desfacelamento da unidade fundamental para sua constituição – a família.

Então, partimos do pressuposto de que a família está desempoderada, as redes de apoio psicossocial que deveriam ser asseguradas pelo Estado estão extremamente frágeis, há um crescimento exponencial de pessoas no país – o caos é inevitável se medidas de políticas públicas não forem tomadas para dar suporte aos nossos jovens. Desse modo, penso ser fundamental pensarmos um planejamento de projeto psicoterapêutico em Core Energética para nossos jovens envolvidos em tal problemática.

Devemos promover debates, trabalhos que nos mobilizem em atitudes efetivas de pelos menos reduzir os fatores desencadeadores de tal problemática. Ao contrário da posição predominante do Estado e da Sociedade, que é apenas sob o aspecto da coerção

social, por meio de medidas que visam, por exemplo, a redução da maioridade penal, o aumento do contingente policial, a expansão do sistema prisional e das casas de custódia e regime de semiliberdade.

Faz-se necessário promover um entendimento dessa população diferenciada, buscar como psicoterapeutas a compreensão da problemática de adolescentes em conflito com a lei, e, em contexto prisional como um fenômeno que implica a constituição e desenvolvimento do sujeito, enquanto ser humano contextualizado em sua cultura e comunidade social.

Portanto, nossa contribuição, enquanto terapeutas de Core Energética tem um diferencial, pois trabalhamos com a compreensão de “Psique” – examinando os aspectos ocultos e negligenciados de nossas almas, podemos nos relacionar com esses aspectos e compreender os papéis que eles desempenham em nossas vidas.

Mas como alcançar o alívio de sofrimento destes jovens que são demandados a atuarem com mecanismos de defesa de tendências primitivas (p.ex. identificação projetiva) desde tão cedo, dada a realidade demasiada adversa, vivida por eles? Como não esperar que já tenham praticamente configurado uma estrutura de caráter, frente a uma realidade tão implacável, apesar de ainda estarem vivendo o período da adolescência? Pois afinal, é preciso lidar com a dor e o sofrimento infringido por situações estressantes da realidade, por uma questão de sobrevivência.

Qual poderia ser o alcance da terapia de Core Energética para este adolescente em contexto prisional? Que aspectos deveriam ser relevantes para se pensar uma intervenção terapêutica em Core Energética? A estrutura do jovem? A existência de uma demanda real? O tempo de permanência no contexto prisional? A rede de apoio (família, amigos, religião, a própria casa de semiliberdade, os sistemas de educação, saúde e justiça)?

E nós enquanto terapeutas de Core Energética estamos preparados até que ponto para lidar com uma problemática tão complexa? Será que nossas expectativas são tão idealizadas a ponto de serem irreais, ou podemos pensar numa postura de redução de danos? Quais as questões relevantes para um projeto psicoterapêutico?

Reflexões sobre os elementos constitutivos do enquadre em seus fatores extrínsecos e intrínsecos como frequência, leitura corporal, massagem diagnóstica, *actings*, ab-reações emocionais, interpretações das resistências ou o estabelecimento da neurose transferencial reivindicam uma compreensão diferenciada, dado o contexto da situação.

Assim, de que modo o projeto psicoterapêutico de Core Energética poderia ocorrer para alcançar a meta principal de toda terapia – aliviar ou eliminar o sofrimento do paciente? Afinal, não podemos cometer o equívoco que a sociedade do senso comum pensa sobre o fato de que os adolescentes infratores não sofrem e apenas merecem ser presos. Pois sabemos que há muito sofrimento quando apenas conseguimos dissolver um pouco nossas defesas.

Pode haver pessoas que realmente precisam ser privadas do convívio social, dada a cronificação de sua estrutura de caráter. E a questão aqui, tanto para quem continuará privada de liberdade ou não, é que devemos intervir de modo que ele possa usar defesas menos patológicas e mais comprometidas com sua autonomia.

Assim, devemos pensar que será o adolescente com está problemática quem dará o tom de quanto *grounding* poderá suportar em se tratando, particularmente, de contexto prisional, além de seu próprio percurso histórico de vida. E vale lembrar que tal contexto é apenas a ponta do *iceberg* da história de vida deste adolescente.

Marçal (2007) em sua pesquisa de campo, com estes adolescentes em conflito com a lei, dentro de um contexto prisional de semiliberdade, chamou a atenção ao fato de eles estarem sempre fazendo planos para quando saírem de lá, ou estarem se sentindo protegidos na casa de semiliberdade, mesmo privados de sua liberdade. Além de a própria instituição prisional estar sempre as voltas de promover atividades (jogar bola, sinuca, ping-pong, vídeo-game, etc) para que eles se mantenha ocupados.

Ou seja, eles já possuem um histórico de vida familiar e social que praticamente não promoveu um espaço de introspecção, dada as condições socioeconômicas e culturais e a própria condição de apresentam um transtorno de conduta anti-social.

O período da adolescência, que os leva a buscar relações extra-familiares por uma necessidade de auto-conceito a ser formulada por diferentes papéis sociais, é bastante debatido e ilustrado na literatura especializada. Portanto, como terapeutas deverão chegar com muito cuidado neste espaço para as condições de escuta e intervenção necessárias a cada caso.

II - REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Adolescentes que cometem ato infracional, uma realidade psicossocial brasileira

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), Departamento da Criança e do Adolescente (DCA) da Secretaria de Estado dos Direitos Humanos (SEDH), pesquisadores do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), realizaram um Mapeamento sobre o perfil dos adolescentes privados de liberdade no Brasil, obtém-se o seguinte quadro síntese:

São adolescentes do sexo masculino (90%); com idade entre 16 e 18 anos (76%); da raça negra (mais de 60%); não freqüentavam a escola (51%), não trabalhavam (49%) e viviam com a família (81%) quando praticaram o delito. Não concluíram o ensino fundamental (quase 50%); eram usuários de drogas (85,6%); e consumiam; majoritariamente, maconha (67,1%); cocaína/crack (31,3%); e álcool (32,4%). Os principais delitos praticados por esses adolescentes foram: roubo (29,5%); homicídio (18,6%); furto (14,8%); e tráfico de drogas (8,7%).

A mortalidade juvenil no Brasil segundo o “Mapa da Violência IV da Unesco 2004 (apud Sudbrack & Conceição 2005) apresenta: as taxas referentes aos jovens cresceram de 128 para 137 em 100 mil no período de 2002 sendo as principais causas homicídios e acidentes de trânsito”. As taxas de homicídios entre os jovens pularam de 30,0 em 1980 para 54,5 (em 100 mil jovens) em 2002. Se na população total houve aumento, entre 1993 e 2002, de 62,3% nas taxas de homicídios, entre os jovens as taxas aumentaram 88,6%, no mesmo período.

Em 2002, 39,9% das mortes de jovens no Brasil devia-se a homicídios. Mais de 75% dos homicídios juvenis foram executados por uma arma de fogo. No Brasil, 95% das mortes causadas por armas de fogo correspondem à categoria homicídios (Unesco 2004 apud Sudbrack & Conceição 2005).

Portanto, esta aí uma realidade psicossocial que requer um diálogo interdisciplinar para promoção de políticas públicas da problemática de adolescentes em conflito com a lei.

Marçal (2007) em pesquisa de campo pode constatar, por meio dos instrumentos utilizados, o comprometimento do desenvolvimento da estrutura psíquica dos adolescentes, particularmente sob alguns aspectos como, por exemplo: se se sentiam sempre punidos pela sociedade como um todo e enquanto representada pela Justiça; não apresentavam uma demanda real como possibilidade de reparação interna para promoção de uma reinserção social efetiva; levam a vida de modo a estarem se esquivando de uma auto-responsabilização de seus próprios atos, e, portanto, tendem a viver mais sob a égide do princípio do prazer; legítima a coerção social impingida pela Justiça como única forma de fazê-los parar com o ato infracional, o que evidencia uma impossibilidade de internalização da lei.

Segundo Sudbrack (2004), adolescentes envolvidos com atos infracionais tiveram, precocemente em suas vivências, que aprender a cuidar de seus cuidadores. São permeados por histórias de violência e maus tratos, além do desamparo. Esses jovens não buscam ajuda, não se dão conta de que através de seus atos envolvidos com a criminalidade impossibilitam legitimar o outro (a vítima de suas atitudes).

Os adolescentes em busca do que precisam e sem uma reflexão ética sobre os meios para conseguir tal intento vivem de modo a arriscar suas próprias vidas. Eles chegam a Psicologia através da Justiça e, por conseqüência, de algum ato infracional ou qualquer envolvimento com a criminalidade.

2.2 Um olhar do terapeuta de Core Energéticos à pessoa humana para além de um diagnóstico de transtorno de personalidade anti-social

A literatura psicoterapêutica critica o termo psicopata, transtorno da personalidade anti-social pelo fato de que esvazia uma precisão diagnóstica e reduz o indivíduo a um rótulo.

Para Holmes (1994) os indicadores de transtorno de personalidade anti-social apresentam os aspectos de: elevada frequência de comportamentos que transgridem regras ou violentam os direitos dos outros; uma maneira de a pessoa visualizar o mundo centralizado unicamente em suas vantagens, sem consideração pelos demais; que as condutas tenha tido início antes dos 15 anos (roubos, mentiras, má fé, atitudes destrutivas); incapacidade para amar, com vida sexual pouco integrada, ausência de sentimentos de culpa, remorsos e vergonha; incapacidade de aprender com as experiências. Contudo atitudes apenas a ocorrência de transgressões na adolescência não se enquadram no transtorno.

Também o paciente com transtorno de personalidade borderline manifesta conduta anti-social, mas com características distintas deste. Possui uma estrutura própria e se mantém no limite entre a psicose e neurose. Apresentam um jeito “esquisito”; prejuízo da capacidade crítica e da percepção da realidade objetiva; permanente sensação de ansiedade difusa, forte sensação de vazio e estranheza; manifestações neuróticas polissintomáticas; clara presença da parte psicótica da personalidade; acentuada instabilidade de humor; freqüentes *actings* (sexualidade perversa, masoquista, etc); síndrome de difusão da identidade¹. A literatura clínica afirma que com relação ao tratamento podem ser tanto os mais frustrantes como também os mais gratificantes (Holmes, 1997).

Pierrakos (1990) afirma que o padrão defensivo não define a pessoa e sim a Essência. Contudo, podemos ressaltar que, dada a realidade adversa, e com tantos obstáculos que se apresentam desde cedo, e perduram por um prolongado período na vida de uma pessoa, podemos inferir que esta fará um forte investimento em sua estrutura de caráter por uma questão de sobrevivência. Lembrando que tal investimento não se faz de modo deliberado, tendo em vista suas possíveis e distintas manifestações em benefícios primários de modo inconsciente.

Lewis (apud Weigand, 2006) apresenta o desenvolvimento prematuro do ego e sua relação com as dificuldades em adquirir um grounding adequado. Tal dificuldade é consequência de experiências precoces da criança com um cuidador que não consegue reconhecer-se como um ser separado da criança. Assim, o organismo imaturo que deveria depender do cuidador para sua auto-regulação, se vê na necessidade de descobrir como se manter por si, exercendo as funções básicas de hold together e hold on². Praticamente sem continência, ainda será preciso se defender de um cuidador com um ego comprometido em sua funcionalidade, podendo se apresentar de modo invasivo, abusivo e abandonador. Tal falha leva a uma cisão entre psique e soma como único modo de defender-se das “angústias impensáveis”.

O terapeuta de core deve ter como propósito nobre tanto para si quanto para seus semelhantes e pacientes uma vocação para busca da verdade. Mas o que realmente significa isso? É possível de ser alcançado? Como? Até que ponto pode compreender essa busca pela verdade? Qual a responsabilidade do terapeuta de core com estes fundamentos? O que estaria nos levando a pensar (o enquadre) de que esse ou aquele deveriam ser os caminhos adequados para uma intervenção psicoterapêutica de nosso paciente?

De modo geral o terapeuta de core deve estar com a compreensão de que a pessoa humana aprendeu a lidar com sua dor e sofrimento recorrendo aos seus mecanismos e

¹ Holmes (1997) “Síndrome de difusão da identidade” – sentimento de identidade débil e muito cambiante.

² “Hold together” manter a integridade e coesão energética-psico-corporal; “hold on” tem o sentido de criar vínculo, mas também de agarrar-se para sobreviver.

elementos psíquicos, desenvolvendo assim sua estrutura de caráter. E que esta pessoa expressa em sua atitude e comportamentos o máximo (e muitas vezes isso é muito reduzido para a essência) de amor e verdade que ainda consegue sustentar em uma dada realidade.

No caso dos adolescentes em conflito com a lei no contexto prisional este deve nos indagar o quanto de verdade suportaria. Claro que isso varia de uma estrutura para outra, apesar de podermos inferir alguns mecanismos psíquicos predominantes com estes jovens.

2.3 A compreensão da psicodinâmica do psiquismo e os padrões de negação (estruturas de caráter)

A dinâmica psíquica como apresentada no Core Energética e no Pathwork, em que o eu-máscara e o eu inferior, como porções do ego, assumem um compromisso para assegurar a sobrevivência à dor e ao sofrimento da pessoa humana, frente a adversidades vividas muitas vezes precocemente. Decorre, então, o entendimento de que se desenvolverá uma estrutura ou outra de predominância esquizóide, oral, agressiva/carregada (psicopática), submissa/carregada (masoquista), narcisista/psicótica ou fálica e rígida, dentre outras variações que atuarão como padrões de negação da verdade e do amor.

Para Thesenga (1994) a máscara é criada como reação à dor e à rejeição e que tenta agradar, afastar ou controlar outras pessoas. A máscara é o eu que construímos para esconder a criança vulnerável e ferida que fomos um dia. No eu-máscara culpamos os outros pelas nossas desgraças, em vez de assumirmos a responsabilidade pelo que sentimos. A máscara produz a crença na nossa vitimização.

Encoberto pela máscara está o eu inferior, a fonte de negativismo e destrutividade, verdadeira causa da nossa infelicidade. Normalmente é inconsciente porque é difícil admitir a negatividade. Na infância, fizeram-nos sentir vergonha do eu inferior, e tínhamos medo que nossos sentimentos negativos provocassem a rejeição por parte de nossos pais. Assim, encobrir esses sentimentos com uma máscara seria a garantia de receber amor.

O Eu superior, nossa consciência de Cristo, também aprenderá a acolher o “pecador” interior, depois de tirar a máscara hipócrita do fariseu. É um lugar dentro de nós onde a corrente de energia vital universal flui livremente e nos favorece a estar consciente de nosso eu inferior. Contudo, na esfera humana, as camadas que escondem o Eu superior – as camadas da máscara e do eu inferior – também são verdadeiras e precisam ser penetradas em primeiro lugar.

Garcia Roza (2004) nos apresentam a compreensão do mal no sentido radical. A expressão “mal radical” foi empregada por Kant para designar uma propensão natural inerente ao ser humano. A questão para ele é se esse mal radical poderia ser considerado um princípio autônomo à base de todo ato humano ou se deveria ser considerado apenas uma tendência. É o bem um princípio positivo e o mal uma pura negação ou desvio do bem, ou o mal possui também uma positividade enquanto princípio autônomo? Kant defende a tese de que o mal não é um princípio, mas uma tendência. Não há uma vontade maligna fundamental ao ser humano, mas apenas uma propensão ao mal. O homem se dá conta da lei moral, mas pode transgredi-la. É a propensão à transgressão que Kant vai chamar de *mal radical*. Então, podemos concluir que o problema não é transgredir, mas encontrar uma continência adequada à transgressão de modo que possamos descobrir e explorar nossos limites e capacidades como seres humanos por meio da dinâmica relacional com nossos semelhantes.

Lowen (1982) afirma que a estrutura de caráter definirá o modo pelo qual a pessoa humana busca suas necessidades de amar, de intimidade e proximidade e sua procura pelo prazer. No caso da estrutura esquizóide predomina a fuga do contato e da intimidade, pois são extremamente ameaçadores, sendo que no pólo extremo oposto a

espontaneidade, a criatividade, a abertura em busca de amor, do contato e da intimidade, o indivíduo auto-regulado (caráter genital)³.

Assim, o ser humano de caráter (de bases pré-genitais) esquizóide evita proximidade íntima; o de caráter oral busca intimidade com base em sua necessidade de ter calor humano e apoio; de caráter psicopático só consegue se relacionar com os que precisam dele. Permite um grau limitado de intimidade enquanto detentor de uma posição de controle sobre os relacionamentos; o de caráter masoquista também é capaz de estabelecer um relacionamento íntimo, mas com base em sua atitude submissa e, que, apesar de superficial é mais íntima que esses outros; o de caráter rígido estabelece um nível razoável de intimidade e, apesar, da aparente aproximação e compromisso mantém-se alerta (Lowen, 1982).

Assim, a estrutura de caráter pode ser compreendida como o melhor que a pessoa pode fazer dadas as adversidades de estresse e frustração de sua situação existencial. A estrutura de caráter manifesta um conflito inerente na vida da pessoa entre a necessidade de intimidade e auto-expressão e o medo de que estas necessidades se tornem auto-excludentes entre si.

Segundo Lowen (1982) a estrutura de caráter esquizóide afirma: “Só posso existir se não tiver necessidade de intimidade”. Portanto deverá permanecer em estado de isolamento para que sua existência não entre em perigo; a de caráter oral vive o conflito: “Se eu sou independente devo desistir de toda necessidade de apoio e calor humano”. Ou seja, “Posso exprimir minhas necessidades na medida em que não sou independente”. Assim, deverá buscar apoio e aproximação, ainda que de bases infantis, para não cair na esquizoidia; a de caráter psicopata vive o conflito entre autonomia e intimidade: “Posso aproximar-me se eu deixar você me controlar”. Uma entrega possível para o esquizóide, mas não para o psicopata e autonomia do oral custa-lhe a dependência, situação impossível para o psicopata. Mas como precisa de intimidade forja a sua auto-expressão e torna-se a parte controladora e sedutora de outra pessoa reduzida a posição oral. Assim, “Você pode ficar ao meu lado enquanto olhar-me de baixo para cima”. Ou seja, sua necessidade de intimidade só pode ser expressa de modo inverso para garantir sua independência, “Você pode ficar perto de mim”; de caráter masoquista vive o conflito inerente em sua personalidade entre amor, proximidade e liberdade. “Se eu for livre, você não me amará”. Assim, diante do conflito inerente em sua personalidade e sua necessidade de intimidade dirá: “Serei seu menininho bem comportado e você, em troca, me amará”; o de caráter rígido não deixará que os sentimentos prevaleçam sobre a razão: “Posso ser livre se não perder minha cabeça e se não entregar-me (submeter-se) totalmente ao amor”. Risco de cair no nível masoquista.

Contudo, pensar a resolução destes conflitos requer uma jornada de trabalho psicoterapêutico, uma vez que são estabelecidos em períodos cruciais de desenvolvimento na vida de cada pessoa humana. As pessoas investiram sua libido enquanto corpo (soma e psique) de modo a se sentirem gratificadas ou frustradas diante das adversidades da vida por meio de seus cuidadores e educadores por um longo período. Foi estabelecido um pacto entre o eu-máscara e seu eu inferior de modo que sua estrutura de caráter assegurou-lhe a sobrevivência ameaçada pela dor e sofrimento vivido.

2.4 A relevância do enquadre (ou setting) terapêutico de Core Energéticos para promoção das intervenções apropriadas

Pierrakos (1990) afirma a atitude de negação do fluxo de energia como matiz de toda disfunção humana e que, portanto, moldam a personalidade da pessoa, como já discutido no tópico anterior. São construídas defesas contra dor, ansiedade e sofrimento de modo a assegurar o mínimo de saúde mental para a pessoa humana. Decorre daí o entendimento de atos e padrões de comportamento que recorrem reiteradamente a

³ Caráter genital (Reich, 1989), o investimento libidinal não fixado em zonas erógenas, mantido em estase de modo a causar prejuízo ao equilíbrio funcional do psiquismo do indivíduo. O indivíduo auto-regulado realizará seu potencial orgástico.

determinados mecanismos de defesa e que acabam assim por estabelecer determinada estrutura de caráter na pessoa.

A terapia Core Energética criada e desenvolvida por John C. Pierrakos compreende as dimensões de que a pessoa humana é uma unidade psicossomática, de que a fonte de cura reside no interior do *self*⁴ e não em um agente externo (médico, Deus ou as forças do cosmos) e que toda existência forma uma Unidade que se move em direção a uma evolução criativa.

Mas como já discutimos nos tópicos anteriores é preciso compreender a estrutura de caráter de uma pessoa para então, poder junto a ela propiciar gradativamente, por meio de intervenções, seu empoderamento pessoal com seu compromisso de vida. As mudanças podem ocorrer por saltos qualitativos não lineares e não necessariamente correspondem de um modo direto a intervenção realizada.

Entretanto, é fundamental que se estabeleça o *setting* (ou enquadre) entre o paciente e o terapeuta. Mas qual a importância deste conceito para o estabelecimento e desenvolvimento do processo terapêutico? O enquadre configura um conjunto de regras e procedimentos que organizam e normatizam a relação terapeuta paciente. O *setting* psicoterapêutico poderá sofrer pressões de ambas as partes.

Além das combinações procedimentais o enquadre objetiva: criar uma atmosfera de confiabilidade e regularidade; holding⁵ das privações e frustrações advindas da realidade exterior; trabalhar para a compreensão do princípio da realidade sobre o princípio do prazer; pacientes mais regressivos desenvolvem a capacidade de diferenciação, separação, individualização e responsabilização; funciona como fator terapêutico, pois propiciam ao paciente atualizar seus aspectos infantis, experiências emocionais mal-resolvidas no vínculo transferencial.

Os princípios da Core Energética compreende e trabalha de modo associado as manifestações físicas de conflitos emocionais sob os pressupostos de análise de caráter desenvolvido por W. Reich⁶. Ou seja, a relação entre a função somática e os conflitos psíquicos. Contudo, o terapeuta de Core deve buscar estar sempre em sintonia com a essência de seu paciente e compreender - ajudá-lo na conquista de intimidade em seus relacionamento e aceitação de suas necessidades reais, de modo a encontrar os mecanismos adequados sob a égide do princípio da realidade para realização de seu gozo⁷.

O terapeuta de Core Energética procura compreender a dinâmica psíquica e somática da pessoa humana que lhe procura (o paciente) sobre o pretexto de sua demanda para promover as devidas intervenções.

Lowen (1997) declara a importância do trabalho psicoterapêutico com o corpo, particularmente o grounding com as pernas e os pés por agirem diretamente na função dos esfíncteres - governar os processos de descarga. Para ele o caráter psicótico ou esquizóide deverá desenvolver uma consciência de suas pernas e pés sobre o chão.

Podemos pensar que isto então seria simples. Mas não o é, e, inferimos: porque o paciente, por exemplo, esquizóide, recorreu a esta estrutura de defesa, por não ter vivido com um mínimo de continência, sendo assim remetido a um espaço de vazio e isolamento para evitar a insuportável dor e sofrimento daquela situação.

⁴ Pieri (2002) Self composto pelo id, ego e superego, inclusive a imagem do corpo, ou seja, a personalidade total. A psique do sujeito se refere constantemente ao mundo externo ("mundo enquanto representação psíquica da realidade externa") e ao mundo interno (si mesmo) através do Eu. O próprio Eu se constitui uma efetiva relação entre o homem e o mundo e, portanto, um verdadeiro e próprio sentimento de presença do homem no mundo.

⁵ Winnicott (2005) define holding como suporte, continência, particularmente a uma situação vivida de maneira egodistônica por uma pessoa.

⁶ John C. Pierrakos sempre declarou em palestras e nos módulos de formação em que realizei como seu aluno o reconhecimento de sua dívida para com W. Reich.

⁷ Lacan (apud Roudinesco, 1997) distingue prazer e gozo, residindo este na tentativa permanente de ultrapassar os limites do princípio do prazer. Define gozo como uma espécie de prazer sublimado, é algo de uma ordem supra-psíquica, ou seja, para além dos sentidos comuns.

Assim, podemos concluir que o terapeuta e o *setting* lhe proporcionaram as condições para que vivencie a resolução de seu conflito e encontre a sua essência para além da máscara e se responsabilizando pela negatividade construída por seu eu inferior, mas a decisão é do próprio paciente. Seu tempo interno indicará quando e como, e, o terapeuta estará junto a ele.

Então, o projeto terapêutico deverá fundar-se na dinâmica energética e na compreensão clínica da pessoa humana. Poder identificar em um paciente seus bloqueios (principal e secundário), sinalizará ao terapeuta o grau de importância a ser trabalhado naquele aspecto do corpo. E somado a isso é preciso saber o significado psicológico, os padrões de negação que estão associados a estes aspectos somáticos.

O projeto terapêutico trabalhará pelo desenvolvimento psicoafetivo da pessoa humana. O indivíduo inerentemente sensível aos estímulos (interno/externo) vivenciará sentimentos de emoção quando reativo, ou seja, sem motivações afetivas elaboradas por ele a partir de sua sensibilidade.

A leitura corporal, a massagem possibilita ao terapeuta constatar que o corpo do paciente possui tensões musculares crônicas (hipertonia simpática reativa) definidas com um histórico de defesas vividas em situações estressantes. Contudo, o paciente apresentará resistência a evolução do trabalho terapêutico, apesar de seus conflitos e padrões de conduta. Assim o terapeuta deverá transformar em egodistônico⁸ o que está egossintônico no paciente.

2.5 A questão: O projeto psicoterapêutico em uma instituição prisional para adolescentes em regime de semiliberdade

As inquietações suscitada pela própria peculiaridade do contexto institucional prisional, bem como da realidade vivida por estes adolescentes remeteram-me a pensar a questão do enquadre. Nossas intervenções terapêuticas de Core Energéticas para adolescentes em conflito com a lei que acabam tendo, por exemplo, o diagnóstico estabelecido pelo DSM-IV por transtorno de conduta anti-social, em contexto prisional é viável?

Elaborar um projeto terapêutico em tais circunstâncias é bastante árduo e complexo por vários fatores. A começar pelas questões procedimentais, burocráticas como autorização, frequência, revista e acontece de ser impedido de entrar na instituição por conta de problemas internos. Outro fator diz respeito a interdisciplinaridade, particularmente a busca de diálogo com psiquiatras, pois muitos desse jovens são diagnosticados como hiperativos, além do uso abuso de substâncias psicotrópicas (drogas).

Quanto aos jovens propriamente ditos, de modo geral apresentam indícios de quase não controle sobre seus impulsos, uma vez que praticam atividades infracionais em que a transgressão é recorrente em seu comportamento – uma atuação⁹. Portanto, qualquer espaço mínimo de escuta propiciado por um projeto terapêutico deverá ajudá-los neste *modus vivendi* tão deficitário.

Mas e quanto as intervenções terapêuticas de Core que visam as ab-reações emocionais promovidas pelos *actings* e promovem a intensificação do fluxo de energia, de modo a aliviar as tensões musculares e ajudar o paciente na compreensão de seu significado psicológico para resgatar sua verdade – a partir de uma elaboração psicoafetiva?

O planejamento terapêutico deverá considerar a peculiaridade da situação pelo curto prazo que se tem para promoção de um processo terapêutico. Pois é comum a ocorrência de evasão, transferido por regressão de medida, etc. Outro fator é a questão da demanda real, pois esses pacientes têm um percurso histórico carente de tudo (família, estudo, realização profissional, envolvimento com drogas). Vivem como que alheios a

⁸ Ramos (2001) egodistônico é a quebra da acomodação e da manifesta sintonia com a neurose.

⁹ Ramos (2001) “Atuação” é a passagem ao ato. Substituição da aquisição do conhecimento de conflitos e angústias por certos transtornos de comportamento de conduta.

possibilidade de terem suas necessidades (aquém dos desejos) atendidas. O que de certo modo promove uma espécie de atrofiamento de seus centros energéticos da vontade.

Porque embora os mecanismos de defesa – designados como operações psicossomáticas que configuram a estrutura de caráter da pessoa –, visem reduzir as tensões psíquicas internas, das angústias (praticamente são sempre inconscientes) causam danos a saúde, pois são adaptações deficitárias obtidas pelo ego, mas que de início foi útil para o desenvolvimento do psiquismo.

Soma-se a estes fatores a própria predominância de estrutura de caráter esquizóide, fato que de modo peculiar gera dificuldade para o estabelecimento de neurose transferencial¹⁰. O que por fim dificultam, do ponto de vista clínico do processo de Core Energética, transformações mais significativas e profundas da pessoa humana.

Então, surge a questão de que se o terapeuta de Core Energética trabalhar de modo pontual, situacional com seu paciente, de maneira a otimizar seu funcionamento psicoafetivo sem intervir com *actings* diretamente no corpo de seu paciente, estará fazendo um trabalho de Core?

Ou seja, é possível considerar o próprio estabelecimento do *setting*, a presença relacional entre terapeuta e paciente como intervenções da Core Energética? E ainda, uma vez que o terapeuta de Core está ciente da teoria e das técnicas, vem se trabalhando em terapia Core – a sua presença de modo real com seu paciente constituirá o diferencial de suas intervenções.

1. Objetivo Geral

- Buscar compreender e analisar o adolescente no contexto de medida sócio educativa de semiliberdade, com o propósito de um projeto psicoterapêutico em Core Energética em uma instituição executora de medida sócio-educativa no Distrito Federal.

2. Objetivo Específico

- Buscar compreender os fatores implicados para o enquadre psicoterapêutico em Core Energética do adolescente que cumpre medida sócio-educativa de semiliberdade.
- Sistematizar dados dos adolescentes de modo a buscar indícios de mecanismos de defesa para discutir e planejar o enquadre e intervenções terapêuticas em Core Energética no contexto prisional.

III - Metodologia

Sob a perspectiva da pesquisa qualitativa em Psicologia de Gonzáles Rey (2002) os dados foram coletados e categorizados nos moldes da análise descritiva e discursiva para que sejam constituídas unidades de sentido, de modo a preservar o máximo possível a subjetividade. E pelos parâmetros referenciais teóricos deste projeto se fundará uma análise psicoterapêutica.

3.1 Participantes

Seis adolescentes com idade igual ou superior a 18 (dezoito) anos em uma casa executora de medida sócio-educativa de semiliberdade no Distrito Federal.

¹⁰ Laplanche & Pontalis (2001) Neurose de transferência é entendida como uma neurose artificial, provocada pelo tratamento psicoterapêutico, em que o paciente por manifestações transferenciais reedita sua neurose infantil com o terapeuta. Sua resolução possibilitaria as mudanças estruturais no aparelho mental do paciente.

3.2 Instrumentos

A coleta de dados com os adolescentes se fez por meio de um roteiro de entrevista semi-estruturado.

IV. Resultados e Análise

4.1 Os adolescentes

1. Primeiro, me conta um pouco do seu cotidiano aqui na casa, como é o seu dia-a-dia de segunda a sexta feira?

Nesta questão foram identificadas as seguintes unidades de sentido:

tranquilidade da casa (7);
procedimentos internos (6);
vistoria (1).

Foi possível identificar três unidades de sentido que demonstraram uma responsabilidade apenas procedimental da casa; o jovem não é responsivo na relação desta suposta tranquilidade. Podemos inferir como se fragiliza a condição de continência, tão cara a estruturação psíquica do sujeito. Como pensar numa reparação interna nessa contextualização institucional apartada da realidade daquele sujeito? Não há um espaço de escuta que busque promover qualquer condição de introspecção. Assim, como esperar que estes jovens transformem sua realidade de conduta anti-social (como são rotulados)? Pode-se considerar como um fator desencadeador de esquizoidia? É possível pensar um projeto terapêutico dentro da instituição que viabilize um espaço de transicionalidade da casa na busca de melhores condições à saúde mental desta população diferenciada?

2. Quais são as regras da casa que você tem mais “frescas” na sua memória? O que você pensa sobre elas?

proibição de fumar interno (4);
lavar louça (3);
horário (3);
arrumar o quarto (2).

Foi possível identificar na fala quatro unidades de sentido regidas por obrigações procedimentais e sobre o que se pensa a respeito das regras: regras são para cumprir; organização; cumprir; situacional;

Não se percebe um espaço para reflexão, e sim uma relação verticalizada da instituição com os adolescentes e que destitui o discurso daqueles jovens. Pode-se pensar que tal contexto corrobora como fator de exclusão psicossocial. Podemos inferir que há uma desconexão com a realidade de modo que não se promove nenhum tipo de engajamento com a instituição por meio de qualquer tipo de atividade. Um isolamento que agrava a saúde mental dos adolescentes e inviabiliza qualquer possibilidade de redução do ciclo da violência. Pois não podemos esquecer que serão soltos, pois podem permanecer presos no máximo por três anos.

3. Como é, pra você, estar na casa em regime de semiliberdade?

As unidades de sentido identificadas foram:

privação de liberdade (4);
consequência da infração (3);
oportunidade de distância do risco (2);
distância da família (1);
desejo de profissionalização (1);

Foi possível identificar nesta questão cinco unidades de sentido sendo que o adolescente se sente punido por situações alheias a sua vontade própria. Percebe-se um discurso vitimizado e passivo, como quem espera ser amado agora que está preso - autoindulgência. Uma submissão racionalizada dada a compulsoriedade da situação. Contexto que inviabiliza a individuação, enquanto um processo de auto-responsabilização de suas escolhas.

4. Em sua opinião, o que te trouxe para essa casa? Por quê?

A análise desta questão evidenciou as seguintes unidades de sentido:

erro a ser pago (5);
imediatismo (1);
sonega informação (1);
crítica à sociedade (1).

As quatro unidades de sentido se apresentam de modo a quase não implicar os adolescentes no ato infracional. Índícios de negação em relação à medida sócio-educativa. Um não reconhecimento da frustração causada pela punição. Se pensarmos em denegação poderia inferir uma estrutura mais agressiva, perversa (psicopática).

5. O que significa para você a sua comunidade onde mora?

Aqui se apresentaram as seguintes unidades de sentido:

suporte (2);
pertencimento (1);
participação (1);
não sabe (1);
desprezível (1);
convivência (1);
delatora (1).

Fica evidenciada nas sete unidades de sentido a importância de agregamento, sentido de pertencimento. Mesmo que pelas queixas ou expectativas declaradas em relação à comunidade, pertencer é fundamental. Isso nos dá indícios de que houve algum referencial de vínculo na sua vida, condição fundamental para o estabelecimento de um processo psicoterapêutico.

6. Em sua opinião o que é família?

Podem-se identificar as seguintes unidades de sentido:

suporte (6);
localização (3);
modelo (1);
moralizadora (1).

Quatro unidades de sentido nesta questão. Com indícios de uma reconhecida necessidade de cuidados, ainda que primários. Um pedido para que não falhem com eles, para que possam encontrar uma saída do mundo da criminalidade, do caos. Isso também nos dá indícios de que houve algum referencial de vínculo na sua vida, condição fundamental para o estabelecimento do processo psicoterapêutico. Uma frágil rede de apoio pode intensificar tais unidades o que inviabiliza o processo de internalização do código moral e ético e acaba por remeter àqueles jovens a impossibilidade de pensar e construir um projeto de vida que deveria advir de uma reparação interna e não apenas por uma coerção social.

7. Qual a sua opinião sobre o regime de semiliberdade?

Identificou-se na fala as seguintes unidades de sentido:

banal (3);
oportunidade de confiança (2);
contenção necessária (1);

A instituição de semiliberdade não estaria ocupando um lugar em que viabilize uma implicação daqueles adolescentes para um processo de transformação. É no máximo uma casa abrigo em que os adolescentes deverão ser dependentes dos cuidados deficitários que ela proporciona. Desse modo não promove continência, apoio e calor humano consistentes à sua autonomia.

8 . Em sua opinião o que levou você a viver o que você está vivendo hoje?

Foram encontradas as seguintes unidades de sentido nesta questão:

desejo de ter (4);
rebeldia (3);
amizades em função de drogas (2).

As três unidades de sentido colocam em evidência características vivida no período da adolescência que buscam agregamento, necessidade de transgredir como um modo de se diferenciar para o estabelecimento de seu próprio auto-conceito, e o próprio consumismo reforçado por uma cultura capitalista pode caracterizar um falso senso de identidade social. Assim, eles querem, eles podem pegar. Assim podemos pensar que o transtorno de conduta não se trata apenas de uma *esquisitisse* como um *carma* ou maldição que uma pessoa traz consigo, mas ao contrário, está em congruência com a realidade sócio-cultural-econômica, vivida pela pessoa humana, que não necessariamente obteve as oportunidades condizentes a um cidadão de direitos.

V. Discussão

Nós podemos enxergar os adolescentes que cometem ato infracional como portadores de transtorno de personalidade anti-social, mas eles mesmos para se perceberem assim teriam que compreender a si próprios como um rótulo. Em que tal compreensão lhes seria reveladora, transformadora? Aqueles que acabam de algum modo se submetendo às regras da instituição prisional sem qualquer possibilidade de escuta e interação consistente não estariam de algum modo buscando o mínimo de intimidade e expressão para assegurar sua saúde mental?

Se suas atitudes e comportamentos não são praticamente dignos de nenhum crédito isso não os remeteria a um ciclo de isolamento e exclusão social de modo a terem de lançar mão de defesas dissociativas e perversas?

Outro aspecto seria o de ausência de sentimento de culpa, de auto-responsabilização advindo de um não reconhecimento da frustração de estar privado de liberdade. Podemos considerar como um modo de não se desestabilizar, de não entrar em crise, pois quem daria continência caso isso ocorra? É uma questão de saúde mental mesmo! Se há tamanho investimento para se evitar ab-reações emocionais, por outro lado os *actings out dos transtornos de conduta anti-social* cumprem a função de uma descarga emocional, mas não uma descarga advinda de uma elaboração psicoafetiva.

Enquanto psicoterapeutas de Core Energética precisamos ter em mente para realização de um projeto terapêutico as necessidades e condições atuais do paciente. Pois ainda que não sejam condizentes à realidade é como ele está significando e construindo sua realidade. Isso já nos proporciona muitas informações sobre sua estrutura de caráter.

Contudo, o objetivo psicoterapêutico a princípio visa soluções de problemas atuais e alívio de sintomas advindos por uma resolução de conflitos expressos e vividos naquele momento, que podem viabilizar um insight psicoafetivo, ainda que a finalidade primeira não seja a exploração do inconsciente.

Longe de qualquer propósito de esgotar o tema aqui proposto este trabalho buscou levantar as questões da problemática dos adolescentes envolvidos com atos infracionais e cumprindo medida sócio-educativa no sistema prisional para contribuir com a promoção de debates, seminários que visem políticas públicas para redução do ciclo da violência.

VI. Referências Bibliográficas

- GARCIA ROSA, L. A. O mal radical em Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- GONZÁLEZ, R. F. L. Características da subjetividade como objeto da pesquisa Psicológica. A definição do qualitativo na pesquisa psicológica. In: Pesquisa Qualitativa em Psicologia São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.
- HOLMES, D.S. Psicologia dos Transtornos Mentais. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- LAPLANCHE E PONTALIS. Vocabulário da Psicanálise. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LOWEN, A. Bioenergética. São Paulo: Summus, 1982.
- LOWEN, A. O corpo em terapia: a abordagem bioenergética. São Paulo: Summus, 1977.
- MARÇAL, E.S.F. Uma compreensão da subjetividade de adolescentes no contexto de uma instituição executora de medida sócio-educativa de semiliberdade do Distrito Federal. Brasília: Tese de Graduação, 2007.
- PIERRAKOS, J. C. A energética da essência. São Paulo: Pensamento, 1990.
- RAMOS, M. Dicionário de saúde mental. Portugal: Plátano, 2001.
- REICH, W. Análise do caráter. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- ROUDINESCO, E., PLON, M.. Dicionário de Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- SUDBRACK, M.F., CONCEIÇÃO, M.I.G.. Jovens e violência: vítimas e/ou algozes? In: Violência no cotidiano: do risco à proteção / organização de Liana Fortunato Costa e Tânia Mara Campos de Almeida – Brasília: Universa, 2005.
- THESENGA, S. O eu sem defesas. São Paulo: Cultrix, 1994.
- WEIGAND, O. Grounding e autonomia. São Paulo: Person, 2006.
- WINNICOTT, D. Natureza e origens da tendência anti-social. In: Privação e delinquência. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- Ely Subtil Marçal é Psicólogo

Sobre o autor:

Ely Subtil Marçal Filho é Psicólogo, terapeuta corporal e psicoterapeuta em Core Energetics.